A Geografia Histórica em questão

Campo, teoria e método

Marcelo Werner da Silva e Glauco Bruce Rodrigues

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/4479>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.4479

ISSN: 2316-7793

Editora

Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Refêrencia eletrónica

Marcelo Werner da Silva e Glauco Bruce Rodrigues, «A Geografia Histórica em questão», *Terra Brasilis* [Online], 12 | 2019, posto online no dia 29 dezembro 2019, consultado o 05 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/4479> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.4479>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 dezembro 2022.

All rights reserved

A Geografia Histórica em questão

Campo, teoria e método

Marcelo Werner da Silva e Glauco Bruce Rodrigues

- ¹ Em março deste ano (2019), foi realizado o Colóquio Brasileiro de Geografia Histórica,¹ na cidade de Campos de Goytacazes, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense/Campos dos Goytacazes. O espírito fundamental que animou o evento foi o debate teórico e metodológico acerca da consistência do campo da Geografia Histórica no Brasil. Em outras palavras, o colóquio concentrou seus esforços em discutir os fundamentos, as bases, a consistência epistemológica e metodológica da chamada Geografia Histórica brasileira.
- ² Os leitores, pesquisadores e estudantes que acompanham o tema não têm nenhuma dificuldade em encontrar nos diversos trabalhos, palestras e mesas redondas (e também durante os cafezinhos dos grandes encontros), o diagnóstico geral de que há uma carência no debate teórico e metodológico na Geografia Histórica brasileira. Segundo essa interpretação, falta consistência tanto na delimitação do campo como nos seus fundamentos teóricos e metodológicos. No entanto, ao invés de ser uma condição irreversível, tal diagnóstico pode representar uma oportunidade para que um esforço coletivo seja empreendido a fim de que a Geografia Histórica brasileira avance nas suas formulações e que sua produção seja realizada sobre fundamentos mais sólidos, contribuindo, de forma significativa, para o próprio desenvolvimento da Geografia.
- ³ Levando em conta tal quadro, duas questões se colocaram como centrais durante o colóquio. A primeira diz respeito à própria constituição e delimitação do campo: qual a singularidade da Geografia Histórica em relação aos demais campos da Geografia e como ela se justifica epistemologicamente? O que confere sua especificidade é um objeto, um conjunto de temas ou uma determinada perspectiva de conceber a produção do conhecimento geográfico? A princípio, a resposta parece se amparar na centralidade da perspectiva histórica, no entanto, sem uma explicitação teórica e metodológica devidamente compartilhada pelos que se identificam como membros desta comunidade. Nessa perspectiva, a questão desafia os pesquisadores e pesquisadoras do campo a explicitar os fundamentos epistemológicos de suas reflexões para além dos recortes cronológicos ou marcos temporais, que nem sempre são propriamente

históricos (o que implica explicitar a temporalidade e a historicidade dos processos e fenômenos). Portanto, não basta situar uma pesquisa em um determinado recorte temporal sem a devida fundamentação epistemológica que demarca a singularidade e especificidade de um campo em relação a outro. A segunda refere-se à metodologia: as pesquisas estão ancoradas em procedimentos metodológicos robustos, explícitos e consistentes ou existem significativas lacunas e fragilidades que possam, de alguma forma, comprometer a qualidade e os resultados dos trabalhos e pesquisas desenvolvidas? Nesse caso, a preocupação está em evitar que os trabalhos sejam boas descrições empíricas, porém, com reduzida capacidade analítica dos processos, o que só é possível com a articulação entre sólidos fundamentos teóricos e metodológicos.

- 4 O conjunto de textos que o leitor tem em mãos é uma parte desses debates. De forma mais ou menos explícita, a partir da análise de fenômenos e processos concretos ou abordando diretamente as questões teóricas e metodológicas, os autores buscam contribuir para o debate, sem nenhuma pretensão de oferecer uma resposta definitiva ou estabelecer uma normatização sobre o campo.
- 5 Paulo Godoy em seu “Geografia Histórica: considerações metodológicas”, realiza um diálogo teórico e metodológico com a obra de Karl Marx e com autores que interpretaram e ressignificaram sua obra. Para tanto aborda a fundamentação ontoprática do conhecimento, a questão do objeto e o desenvolvimento das categorias, de forma a buscar uma Geografia Histórica a contrapelo, nos dizeres de Walter Benjamin, buscando no passado a tradição dos oprimidos, a partir da consideração da luta de classes.
- 6 Glauco Bruce Rodrigues, no artigo “Geografia Histórica: notas sobre a metodologia”, realiza uma análise teórica baseada em importantes geógrafos nacionais e estrangeiros, centrando seu estudo na análise das periodizações, das escalas e das fontes de pesquisa. Em destaque sua ênfase na necessidade de espacializar as periodizações utilizadas na Geografia Histórica. Sua preocupação foi abordar os procedimentos cotidianos da pesquisa, o que é muito útil para pesquisadores e estudantes da área.
- 7 Marcelo Werner da Silva apresenta o trabalho “A construção de uma geografia histórica brasileira: base teórica e estudos de caso”, no qual apresenta a base teórica utilizada em trabalhos anteriores, particularmente baseada em Maurício de Almeida Abreu e Milton Santos. Esta base teórica é então demonstrada em duas aplicações: no estudo da implantação ferroviária na antiga província de São Paulo e as disputas territoriais decorrentes da competição entre empresas ferroviárias e no projeto de pesquisa “Ruínas do Açúcar: Transformações e permanências na paisagem de Campos dos Goytacazes”, que busca identificar as ruínas da atividade sucroalcooleira da região de Campos dos Goytacazes. Uma aplicação deste projeto é o trabalho “Transformações na Paisagem da região Norte Fluminense: as Ruínas da Usina de Cana de Açúcar e Alcool de Pureza em São Fidélis (RJ)”, de Rodrigo Pereira Pinheiro da Silva e Elis de Araújo Miranda, que analisa a paisagem atual de uma antiga usina sucroalcooleira e seu simbolismo para o distrito e município onde está localizada, através de um amplo registro fotográfico resgatando a importância de um passado em ruínas, com o simbolismo ainda presente, tanto da usina quanto da estrutura complementar representada pela estrada de ferro.
- 8 Carlo Eugênio Nogueira realiza a ligação entre Geografia Histórica e História do Pensamento Geográfico através do estudo da obra de um autor, Pierre Monbeig, e de que forma o seu conceito de “franja pioneira” influenciou a geografia brasileira do

período. Em uma análise mais aprofundada, estudou a obra de um dos alunos de Monbeig, Renato Silveira Mendes, que estudou a região da Baixada Fluminense. Haveria nele elementos de uma possível geografia histórica? Conclui de modo positivo, pois mesmo seu estudo estando centrado no presente, identifica uma sensibilidade geográfica na análise dos processos históricos da região.

- 9 No trabalho “Geografia Histórica Urbana: notas de pesquisa”, Doralice Sátyro Maia reflete, particularmente, sobre a relação espaço-tempo na Geografia Histórica e detalha seu percurso de pesquisa na Geografia Histórica Urbana e na Geografia Histórica do Território, com seus estudos centrados na morfologia urbana da antiga Cidade da Parahyba e na relação cidade-ferrovia, com a análise das cidades “boca de sertão”, com o que a análise se expande para uma escala regional.
- 10 Manoel Fernandes de Sousa Neto realiza um estudo de cartografia histórica do Império do Brasil. Seu trabalho está centrado no “Mapa dos Limites do Império do Brasil com o Paraguay de 1872”, realizado pelo Barão da Ponte Ribeiro (1795-1878) como o resultado de um percurso entre cartografias herdadas dos acordos ibéricos, com outros mapas realizados posteriormente ao mapa analisado. Contribui para o conhecimento da circulação do conhecimento cartográfico sobre o território, “esquadrinhado palmo a palmo por cartografias diplomáticas e militares”.
- 11 Como visto, os trabalhos cobrem a discussão teórico-metodológica da Geografia Histórica, bem como as várias aplicações em relação à formação territorial, à Geografia Urbana Histórica, à conexão entre a Geografia Histórica e a História do Pensamento Geográfico e ao estudo da dinâmica urbana e regional. Pensamos que, longe de encerrar este debate, o conjunto de textos decorrentes do Colóquio Brasileiro de Geografia Histórica constitui um estímulo para a continuidade das discussões teórico-metodológicas da Geografia Histórica.
- 12 Gostaríamos de dedicar este dossiê aos professores Maurício de Almeida Abreu, Antonio Carlos Robert Moraes e Pedro de Almeida Vasconcelos, que abriram as trilhas, cultivaram e consolidaram o campo da Geografia Histórica brasileira. Sem dúvida, não estaríamos aqui sem o trabalho desses geógrafos. No final do debate sobre “O papel ativo da Geografia - um manifesto”, realizado na Universidade de São Paulo (USP), em 2000, o professor Milton Santos afirma que devemos subir nos ombros dos que vieram antes para produzir nossos trabalhos. Estamos subindo nos ombros de gigantes.

NOTAS

1. Para mais informações sobre o Colóquio Brasileiro de Geografia Histórica, vide o seguinte endereço online: <<https://coloquiobrasgeohistorica.wordpress.com/>>.

AUTORES

MARCELO WERNER DA SILVA

Professor do Departamento de Geografia de Campos e do Programa de Pós-Graduação em Geografia, ambos da Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes/RJ. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas de Geografia Histórica (GEOHISTÓRICA).

E-mail: marcelows@id.uff.br

GLAUCO BRUCE RODRIGUES

Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes/RJ

Coordenador do Núcleo de Estudos sobre o Território e Conflitos Sociais